
CLARO, Andrés. **Tiempos sin fin**. Santiago: Ediciones Bastante, 2018.



Mary Anne WARKEN Sobottka*
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Elys Regina ZILS**
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

RECEBIDO EM: 26 de outubro de 2019

ACEITO EM: 15 de dezembro de 2019

PUBLICADO EM: janeiro 2020

O tempo e sua finitude, o tempo para diferentes culturas e o tempo no imaginário poético, nas formas de construções de mundo através do poema e da linguagem é mote para o desenvolvimento das páginas do livro *Tiempos sin fin* de Andrés Claro, importante referência para os Estudos da Tradução que se ocupa do tempo cósmico e tempo histórico, relacionando linguagens às imagens.

319

A presente resenha trata de uma das últimas publicações do autor chileno, o livro intitulado *Tiempos sin fin* publicado em 2018 pela editora Bastante. A obra de 153 páginas é a terceira de uma trilogia da qual também fazem parte os livros: *La creación* (2014) e *Imágenes de mundo* (2016). Com essa última publicação, o autor adiciona a dimensão do tempo à reflexão sobre como a dimensão poética da linguagem condiciona o modo de cada cultura formular suas representações, ou seja, os hábitos de figuração poética da linguagem são evidenciados e projetados sobre os modos como os membros daquela comunidade representam o mundo. O poeta se entrelaça com o histórico e essa sensibilidade dos sujeitos com relação ao tempo, o passo do tempo e suas representações são analisadas em diálogo com diferentes textos poéticos, que estão insertos em diferentes contextos históricos.

Neste livro, vemos a importância da alquimia da linguagem para alguém que é tradutor e que, além de uma análise crítica, se preocupa com trato poético. Pensar sobre a linguagem demanda pensar sobre o outro em seus diferentes aspectos tanto culturais como linguísticos, dimensões que caminham juntas. As identidades culturais são fruto das representações dos seus povos, ou seja, seus hábitos de figuração poética da linguagem são evidenciados e projetados

sobre os modos como os membros daquela comunidade desenham seus mundos. O tempo é, assim, representado e imaginado de diferentes maneiras e em diferentes sociedades. Então cabe lembrar que a tradução, segundo Venuti (1998), é um meio de formação e manutenção da representatividade cultural. Trata-se de pensar sobre as práticas tradutórias e o seu papel como forma de intercâmbio cultural, o que propõe uma reflexão sobre o outro, tanto sobre como traduzir sua cosmovisão como alargamento da língua e cultura do tradutor, além de valorar a poesia em seu sentido macro.

Ainda que cientes que a história dos Estudos da Tradução iniciou-se no continente europeu, de onde surgem as reflexões que embasam e fundamentam o olhar do que é tradução, destacamos a importância de olhar para além, uma vez que, atualmente, as reflexões e pesquisas sobre os Estudos da Tradução e o trabalho do tradutor ganham visibilidade, concomitantemente surgem importantes trabalhos publicados na América Latina que discutem e trazem novas reflexões para a área de Estudos da Tradução. Nesse sentido, evidenciamos outro trabalho de Andrés Claro, seu livro *Las Vasijas Quebradas*, que é importante referência para os Estudos da Tradução no âmbito internacional, dialogando e colaborando para a construção de um olhar atual sobre a tradução, publicado na América Latina. Nas páginas dessa obra, o autor traz as considerações de vários referentes fundamentais para os Estudos da Tradução, para pensar a tradução e as diferentes concepções da tradução no que se refere à recepção do estrangeiro no próprio e as relações implicadas nessa aproximação. Andrés Claro evidencia que independentemente dos resultados e soluções adotados, toda a tradução vai configurar-se como um encontro com o estrangeiro (WARKEN; ZILS, 2019, p. 6).

Desse modo, refletir sobre as representações do povo do texto-fonte e seus hábitos de figuração poética da linguagem é ter a sensibilidade de perceber a cultura e especificidade daquele autor e suas relações com a cultura e própria língua.

Nesse viés, Claro, em *Tiempos Sin Fin*, anuncia que as figuras poéticas da linguagem condicionam o modo de pensar. Sua reflexão sobre a matriz poética da linguagem conduz a uma concepção de mundo e, conseqüentemente, a uma concepção de tempo.

A obra ensaística *Tiempos Sin Fin*¹ está dividida em dois capítulos. Já no início da introdução (CLARO, 2018, p. 9-44), o autor apresenta a dimensão do problema que irá encarar nesta jornada, pois nenhum problema faz o homem sentir a finitude do conhecimento humano — e do próprio ser humano — como o enigma do tempo. Essa questão perpassa desde a Antiguidade até o pensamento crítico moderno, onde a intuição do tempo é definida como inevitável e impossível (CLARO, 2018, p. 9-10).

Após introduzir a importância e complexidade da questão do tempo, o autor afirma que existe um leque enorme de versões criativas de representações do tempo ao longo dos séculos que permitiram às diferentes culturas se relacionarem com a opacidade temporal de diferentes maneiras e níveis. Por esse caminho, é possível articular um percurso desde a mitologia, passando pela poesia, até a filosofia e as ciências e que resultará em um catálogo divergente e em devir, por vezes babélico (CLARO, 2018, p. 12). Na sequência, Claro chama a atenção para as imagens da poesia onde percebemos essa consciência invencível, personificando o tempo como um ser todo poderoso, efêmero e impiedoso (CLARO, 2018, p. 17).

Então, nesse catálogo de versões do tempo histórico, psicológico e cósmico que aportam instâncias que vão desde as ciências à filosofia, passando pela poesia, até o sentido comum na linguagem e na mitologia, é que Claro levanta a pergunta: como traduzir em meio das versões disparatadas desse catálogo babélico? Como tornar mensurável essas representações projetadas por saberes e discursos tão diversos, com seus pressupostos e normas específicos, com seus sistemas de signos e modelos característicos que ampliam sua perspectiva de leitura ao real? E por último, como estabelecer uma perspectiva capaz de encontrar possíveis isomorfismos por detrás das disparidades imediatas que apresentam essas versões múltiplas que resultam da tarefa sempre assíntota de conceber o temporal? (CLARO, 2018, p. 30-31).

O próprio autor, na sequência, indica um caminho possível a trilhar em busca das respostas. Não é questão de se perguntar o que é o tempo ou se limitar a consignar como é concebido historicamente, mas interrogar quais foram e seguem sendo as condições de possibilidade formais das diversas representações que foram e são feitas do tempo. Dessa forma, entender a representação do tempo que contém todas as demais. Uma atenção às possibilidades formais da representação permite explicar como uma comunidade inteira, superando o pensamento individual, pode compartilhar e habitar uma concepção de tempo, uma representação socializada que desempenha um papel existencial decisivo na sua cultura, marcando seus modos coletivos de percepção e pensamento (CLARO, 2018, p. 31).

Por esse caminho, Claro irá se dedicar à leitura de quatro poemas sobre o tempo e a história escritos por autores clássicos em suas respectivas tradições, como representante da Antiguidade Latina, apresenta Horácio (65-8 a.C.), para a época Tang o poeta Wang Wei (701-761) e para o período histórico entre a Modernidade e a época contemporânea Constantino Cavafis (1863-1933) com T.S. Eliot (1888-1965). Esses poemas foram escritos em momentos de urgência histórica, de transformações aceleradas, ameaças. Assim, vendo além do conteúdo das imagens que encarnam o tempo e a história, e ao interrogar o modo em que seus hábitos de

figuração dominantes configuram suas representações características do histórico-temporal, deveria ser possível delinear o rendimento transcendental da função heurística da linguagem, de uma função sintética que supera a função comunicativa básica da língua e permite explorar a representação do real objetivando o tempo e a história. Maneira de dizer que a experiência temporal é um dos modos de habitar humano que permite e impõe a função poética da linguagem, onde, muito antes de toda articulação narrativa, a aporia do tempo é resolvida na representação temporal — tempo cósmico-externo, tempo interno da consciência, tempo histórico — mediante as possibilidades oferecidas pela ação figural (CLARO, 2018, p. 43).

No capítulo I, *El tiempo clásico* (CLARO, 2018, p. 45-77), o autor situa o leitor informando que na grande maioria das culturas e épocas, a representação mais básica e imediata do temporal tem sido de um tempo fenomênico, a objetivação de um tempo cósmico que se considera externo, determinando frequentemente o modo em que se experimenta o tempo vivido, o qual assume topologias como as de um movimento finito ou de um processo infinito, de acordo com os hábitos figurativos, estáticos ou dinâmicos, por meio da projeção (CLARO, 2018, p. 45).

322

Pode-se concluir isso ao comparar as representações do tempo cósmico e vivido que colocam em cena de forma explícita e implícita dois poemas escritos por autores clássicos em suas respectivas tradições. A saber, *ODA i.11* de Horácio, com escrita em latim, no século I antes de nossa era, e dominada pelas formas de transporte discreto da figuração metafórica-analógica, e o quarteto *El pabellón entre bambúes* de Wang Wei — poeta, músico e pintor — por outro lado, escrito em chinês no século VIII ou idade de ouro da cultura clássica chinesa e dominada pelas formas de processo sem fim do paralelismo vibratório (CLARO, 2018, p. 45-46).

Continuando a reflexão, vamos para o subcapítulo 1, *Las metáforas del carpe diem de Horacio: el tiempo como movimiento finito*, no qual o autor apresenta a Oda de Horácio como uma meditação sobre o tempo cósmico e o tempo vivido onde tanto o imaginário em torno do *carpe diem* como o comportamento metafórico da linguagem colocados em cena confluem em uma representação clássica do tempo como movimento que faria história no Ocidente. É o viver sem expectativas e então viver o *carpe diem*, “gozar o momento”. Horácio define o que seria o drama da existência humana temporal finita, tanto no que se resume a ter os dias contados, como na personificação do tempo como um ente indomável e esquivo que impõe o imaginário compensatório da conquista do instante, de aproveitar cada instante antes que escape (CLARO, 2018, p. 49).

Claro destaca que, na última parte do poema, o tempo cósmico aparece personificado, representado como um movimento homogêneo formado de instantes discretos e mensuráveis, um tipo de espacialização finita completamente decisiva no imaginário temporal que exhibe Horácio, e de modo geral, um tipo de metaforização do tempo que marca toda a tradição clássica e se estende até a entrada da Modernidade (CLARO, 2018, p. 51).

No capítulo II, sob o título de *La historia contemporánea* (CLARO, 2018, p. 79-127), dando continuidade às questões implicadas nas formas de como se configura a temporalidade na linguagem poética, o autor situa a discussão evidenciando o modo como pode ser vista na modernidade ocidental a representação do histórico, que se apresenta como forma de autocompreensão que o ser humano tem de si mesmo. Claro aponta como marco importante a Primeira Guerra Mundial e uma nova forma de representação do histórico. Essa introdução apresenta a leitura comparativa dos poemas de Constantino Cavafis e de T.S. Eliot, entendendo o poema como representação de mundos.

No subcapítulo: *La casi alegoria de “Cirios” de Cavafis: historia lineal y homogenea, de instantes discretos e cuantificables* (CLARO, 2018, p. 82-100), o autor dedica sua atenção a apresentar Constantino Cavafis (1863-1933), seus deslocamentos geográficos, sua preocupação com uma representação do histórico e o desafio que o poeta assume ao nomear-se poeta histórico/historiador. Em sua poética, Cavafis coloca a representação do histórico atrelada aos aspectos linguísticos, na construção e representação de cenas histórico/poéticas. Ademais, o autor de *Tiempos sin fin* comenta aspectos sonoros e as referências de Cavafis para sua visão do poético, inserindo a escrita poética desse autor.

Em um segundo momento, comenta-se a obra de Thomas Stearns Eliot (1888-1965), sob o título: *El Montaje de ruínas de T.S. Eliot: historia interruptiva, polivalente y no-intencional* (CLARO, 2018, p. 101-127). Claro traz um importante referente da poesia do século XX e a coloca em diálogo com o exposto anteriormente, quando comentou poetas localizados em contextos históricos muito anteriores. Ao introduzir aspectos biográficos da vida do poeta, Claro comenta o deslocamento de Eliot desde Alemanha para a Inglaterra, e destaca a aproximação daquele poeta com grandes escritores da poesia anglo, entre eles Ezra Pound. Claro apresenta um contraste da obra desse poeta com os movimentos dadaístas, futuristas e ou surrealistas. Para o autor, a poética de Eliot sinaliza um distanciamento que aponta para novas maneiras de sintetizar a história (CLARO, 2018, p. 105). Diz:

[...] a reflexão e experimentação poética de Eliot mostra uma consciência forte da irredutibilidade da mediação formal na representação e, estreitamente relacionado a isso, uma procura persistente de novas formas de sintetizar a história, de novos dispositivos formais de disjunção e articulação temporal entre o presente e o passado que sejam capazes de estruturar eventos e momentos dando uma representação objetiva e aceitável do histórico em meio da catástrofe que se reconhece no panorama contemporâneo. (CLARO, 2018, p. 105, tradução nossa)²

Assim, com uma reflexão profunda da escrita desse poeta, relacionada a toda uma tradição e história anterior, o texto entrega ao leitor uma aproximação a um pensar a escrita de Eliot em uma negação e afirmação da tradição. Ao comentar em detalhes o processo poético e sua leitura da obra de Eliot, o autor destaca a capacidade de uma representação dinâmica, polivalente e não-intencional do histórico (CLARO, 2018, p. 108). O autor comenta o processo tradutório implicado nas traduções poéticas do que chama de “formas da imagem dinâmica” das poesias clássicas chinesas e japonesas, pensando na inserção do oriental no contexto europeu. São citadas três grandes obras do modernismo anglófono publicadas na década de vinte, a saber: *Ulisses* (1922) de Joyce, *A Draft of XVI Cantos* de Pound (1924), *The Waste Land* (1922) de Eliot.

324

Tiempos sin fin tem como desfecho um Epílogo, *La síntesis poética de las configuraciones histórico-temporales: el predominio de los hábitos figurales* (CLARO, 2018, p. 129- 145), e 6 páginas de notas do autor, esse remate final oferece ao leitor uma aproximação em um tom de conversa, o que não deixa de desafiar o leitor, tal qual acontece desde as primeiras páginas do livro, colocando em evidência os aspectos culturais, imagens e formas de linguagem que emergem dos textos poéticos comentados ao longo do livro. Nesse fechamento do livro, mais uma vez se evidencia a questão do tempo, enfatizando que ao momento de buscar compreender a representação do tempo se faz necessário e fundamental considerar os enlaces com vários níveis da língua em toda sua complexidade (CLARO, 2018, p. 133). Assim, o autor traz, para esse momento final, possíveis respostas para algumas questões propostas, dialoga e faz análises comparativas de obras e poetas de diferentes momentos históricos e culturais. Refere-se aos discursos narrativos assim como as formas como são contadas histórias, essas, como bem observa, fixas em texto escrito. Ou seja, História, tempo, linguagens e narrativas em uma performance de conexões. Enfatiza como pergunta pendente o tentar responder como determinadas figuras de linguagem determinam e modificam as configurações do real.

Finalizamos essa resenha com a nossa tradução do último parágrafo do texto: “se para a finitude humana diante do tempo responde a infinitude virtual da imaginação, a liberdade sempre renovada de criar novas formas de acentuação e de vínculo que sintetizam os entes e

relações que permitem constituir e habitar o mundo, tem se projetado e continuaram projetando-se temporalidades sem fim” (CLARO, 2018, p. 145, tradução nossa)³.

REFERÊNCIAS

CLARO, Andrés. **Las Vasijas Quebradas, Cuatro variaciones sobre “la tarea del traductor”**. Santiago: Colección Pensamiento Contemporáneo – Ediciones Diego Portales, 2012.

CLARO, Andrés. **Tiempos Sin Fin**. Santiago: Bastante, 2018.

VENUTI, Lawrence. **The scandals of translation: towards an ethics of difference**. New York: Routledge, 1998.

WARKEN, Mary Anne; ZILS, Elys Regina. Las Vasijas Quebradas, Cuatro variaciones sobre la “tarea del traductor” de Andrés Claro. Florianópolis. **Revista Qorpus**. 2019. Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <http://qorpus.paginas.ufsc.br/como-e/5711-2/las-vasijas-quebradas-cuatro-variaciones-sobre-la-tarea-del-traductor-elys-regina-zils-e-mary-anne-warken-s-sobottka/>. Acesso em: 31 dez. 2019.

* Mary Anne Warken SOBOTTKA – Doutoranda e Mestre (2017) em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina. Graduada em Língua Espanhola e Literaturas de Língua Espanhola (2014) pela mesma instituição. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Currículo acadêmico: <http://lattes.cnpq.br/7707356833300677>

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4448-525X>

E-mail: warkenespanholufsc@gmail.com

** Elys Regina ZILS – Mestre em Estudos da Tradução (2015) pela Universidade Federal de Santa Catarina. Especialista em Educação a distância: Gestão e Tutoria (2019) pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci/UNIASSELVI. Graduada em Letras - Espanhol (2013) pela Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Currículo acadêmico: <http://lattes.cnpq.br/6881688364149666>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6126-5286>

E-mail: elysre@gmail.com

¹ A ilustração da capa de *Tiempos sin fin* é de Eugenio Téletz (Santiago, 1939). Destacado pintor e gravador, tem em seu trabalho composições neo-figurativas produzidas através da liberdade gestual do automatismo.

² Original: “[...] *la reflexión y experimentación poética de Eliot muestra una conciencia fuerte de la irreductibilidad de la mediación formal en la representación y, estrechamente relacionado a ello, una búsqueda sostenida de nuevas formas de sintetizar la historia, de nuevos dispositivos formales de disyunción y articulación temporal entre el presente y el pasado que sean capaces de estructurar eventos y momentos dando una representación objetiva y aceptable de lo histórico en medio de la catástrofe que se reconoce en el panorama contemporáneo*”.

³ “*Si a la finitud humana ante el tiempo responde la infinitud virtual de la imaginación, la libertad siempre renovada de crear nuevas formas de acentuación y de vínculo que sintetizan los entes y relaciones que permiten constituir y habitar un mundo, se han proyectado y se seguirán proyectando temporalidades sin fin*”.